



**Universidade
Tuiuti do
Paraná**

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ MESTRADO EM PSICOLOGIA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PSICOLOGIA FORENSE

ELIANE FATIMA BORDIN

**VIOLÊNCIA EM RELACIONAMENTOS AMOROSOS: O PAPEL DAS CRENÇAS
E DA RESILIÊNCIA**

CURITIBA

2019

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ MESTRADO EM PSICOLOGIA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PSICOLOGIA FORENSE

ELIANE FATIMA BORDIN

**VIOLÊNCIA EM RELACIONAMENTOS AMOROSOS: O PAPEL DAS CRENÇAS
E DA RESILIÊNCIA**

Dissertação apresentada para defesa ao Programa de
Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Tuiuti do Paraná para obtenção
do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Dr. Sidnei Rinaldo Priolo Filho
Área de Concentração: Psicologia Forense

CURITIBA

2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Dados Internacionais de Catalogação na fonte
Biblioteca "Sydney Antonio Rangel Santos"
Universidade Tuiuti do Paraná

B729 Bordin, Eliane Fátima.

Violência em relacionamentos amorosos: o papel das
crenças e da resiliência / Eliane Fátima Bordin; orientador Prof.
Dr. Sidney Rinaldo Priolo Filho.

51f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná,
Curitiba, 2019.

1. Violência por parceiro íntimo. 2. Resiliência psicológica.
3. Crença. 4. Atitude. 5. Inquéritos e questionários.
I. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Psicologia/ Mestrado em Psicologia. II. Título.

CDD – 362.8292

TERMO DE APROVAÇÃO

ELIANE FATIMA BORDIN

VIOLÊNCIA EM RELACIONAMENTOS AMOROSOS: O PAPEL DAS CRENÇAS E DA RESILIÊNCIA

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia –
área de concentração: Psicologia Forense, para obtenção do título de Mestre em
Psicologia, da Universidade Tuiuti do Paraná.

Banca Examinadora

Orientador

Dr. Sidnei Priolo Filho

Instituição: Universidade Tuiuti do Paraná

Assinatura:_____

Prof. Dr. Murilo Ricardo Zibetti

Instituição: Universidade Tuiuti do Paraná

Assinatura:_____

Prof. ^a Dra. Gabriela Reyes Ormeño

Instituição: Universidade Federal do Paraná

Assinatura:_____

Curitiba, 18 de abril de 2019

Dedico este trabalho ao meu filho Arthur Bordin Sbrissia, para que a resiliência esteja presente em seu ser no momento em que tiver que enfrentar lutas e também para que este possa estimulá-lo a descobrir o gosto pela pesquisa científica e o prazer pelo estudo.

RESUMO

Pesquisas sobre resiliência e violência entre parceiros íntimos ainda são escassas com amostras brasileiras. Compreender o uso da resiliência na Psicologia, bem como a sua interação com a violência é fundamental para a elaboração de intervenções adequadas dessas temáticas. Diante disso, o presente trabalho teve como objetivos: a) identificar os conceitos de resiliência mais utilizados em pesquisas publicadas no Brasil; b) verificar em uma população universitária a relação entre a resiliência pessoal, crenças sobre a violência e a vitimização e perpetração de violência contra o parceiro íntimo. O primeiro objetivo foi atingido através de uma revisão sistemática que identificou 15 artigos que utilizam o termo “resiliência psicológica” nos últimos 5 anos. Os resultados dessa revisão apontam para uma falta de uniformidade nas definições adotadas, bem como maior utilização do instrumento de Wagnild e Young (1993). Esse instrumento foi criado utilizando uma definição não atual de resiliência. O segundo objetivo foi alcançado através de uma pesquisa transversal com universitários de uma cidade do litoral do Paraná que responderam ao Questionário de Crenças sobre a Violência Intrafamiliar, a Escala de Resiliência Connor-Davidson e o Conflict Adolescent Relationship Inventory – Short Form que avalia a ocorrência de violência entre parceiros íntimos. Os resultados apontam para correlações significativas e negativas entre a resiliência, vitimização e a perpetração da violência para ambos os gêneros. Adicionalmente, a vitimização e a perpetração estão positivamente correlacionadas. Esses dados apontam que a resiliência é um mecanismo que diminui a ocorrência da violência entre casais, bem como indica o uso de estratégias não violentas entre potenciais perpetradores. Por fim, também demonstra a bidirecionalidade da violência ao apresentar a correlação entre sofrer e praticar violência, congruente com pesquisas internacionais. A pesquisa não encontra uma correlação significativa entre crenças e os comportamentos violentos entre parceiros, sendo essa uma das principais variáveis mensuradas em pesquisas internacionais. Essa pesquisa aponta para a necessidade de uma definição mais adequada da resiliência por pesquisas nacionais que estejam relacionadas com o uso moderno do termo, relativo à adaptação do indivíduo frente a estímulos negativos que podem ou não permanecer durante seu desenvolvimento. Adicionalmente, demonstra a importância da resiliência na prevenção de comportamentos violentos contra o parceiro íntimo, sendo essa variável fundamental para intervenções futuras.

Palavras chave: violência por parceiro íntimo; resiliência psicológica; crenças; atitude; inquéritos e questionários.

ABSTRACT

Research about resilience and intimate partner violence are scarce with the Brazilian population. Comprehend the use of resilience domains and its interaction with violence is necessary to adequate creation of interventions among those themes. With that in mind, this research had the following goals: a) identify the most used concepts of resilience in Brazilian publications; b) verify in a University sample the interactions between attitudes about violence, resilience and victimization and perpetration in intimate relationships. The first objective was achieved in a systematic review that identified 15 papers that used the term “psychological resilience” in Brazil in the last 5 years. Results indicate a lack of uniformity in the used definitions, with higher usage of the resilience scale created by Wagnild and Young (1993). This instrument was created using an older definition of resilience. The second objective was reached through transversal research with University students from a coastal city in the State of Parana that answered the Questionnaire on Attitudes about Family Violence, Connor-Davidson Resilience Scale and the o Conflict Adolescent Relationship Inventory – Short Form that evaluates intimate partner violence. Results indicate significant and negative correlations between resilience, victimization and perpetration of violence to both genders. Additionally, victimization and perpetration are positively correlated. This data points to resilience as a mechanism that diminishes the occurrence of intimate partner violence, as indicate the presence of resilience as an antecedent of the use of non-violent strategies in potential perpetrators. It also demonstrates the bidirectional violence with the positive correlation among victimization and perpetration coherent with international studies. This research did not find significative correlations between attitudes and other variables, with attitudes being one of the most utilized variables in international research. This data establishes that a more updated definition of resilience is necessary for Brazilian studies, especially including the adaptative factors of resilience front a negative event that can be present during its development. In the end, it shows the importance of resilience in the prevention efforts of intimate partner violence, with the use of resilience as a variable fundamental in future interventions.

Keywords: intimate partner violence; resilience, psychological; attitudes; surveys and questionnaires.

SUMÁRIO

Resumo.....	06
Agradecimentos	09
Apresentação	10
Artigo 1: Revisão sistemática de Resiliência em publicações Brasileiras: Conceito e Instrumentos	
Resumo.....	11
Método.....	14
Resultados.....	16
Discussão.....	19
Artigo 2: O papel da resiliência como moderadora da violência em relacionamentos amorosos	
Resumo.....	26
Método.....	29
Resultados.....	32
Discussão.....	34
Considerações Finais	41
Anexos	
Anexo I – Aprovação Comitê de Ética.....	43
Anexo II – Instrumentos.....	46

Agradecimentos

Agradeço à Deus, força suprema, pela existência, saúde, proteção nas idas e vindas e direcionamento nesta caminhada.

Ao meu filho querido Arthur Bordin Sbrissia, marco divisor da minha história. Eternamente grata!

Ao orientador e professor Dr. Sidnei Priolo Filho agradeço pela atenção, ensinamentos, orientações neste trabalho, sem os quais esta pesquisa não teria o resultado ora proposto.

À faculdade Isepe – Guaratuba na pessoa da Diretora Pedagógica Rosane Patrícia Fernandes e aos alunos que de forma carinhosa, atenciosa, prontidão, e paciência desde a autorização, permissão e participação da pesquisa propiciaram este estudo.

Aos Professores e Professoras do Mestrado e Coordenação que muito ensinaram e transmitiram seus saberes, principalmente na interdisciplinaridade, com reflexões intensas e profundas que propiciaram o aprimoramento da trajetória. Ao Doutor Sérgio Staut, meu mestre, pelo ensinamento de que o Direito mesmo sendo um compêndio de ciências tão duro pode ser ensinado e utilizado na vida com afeto e amor, inspirando minha atuação na prática pedagógica.

Ao Ademar o mais Leal dos colegas de curso

O agradecimento também aos funcionários do Mestrado pelo atendimento dispendido, especialmente Luci Mara de Lima Chiquim e Marilise Isabele De Paula que gentilmente me atenderam sempre que precisei.

E finalmente, minha gratidão às contribuições, considerações, aprendizagem e conhecimento elencados pelos integrantes da Banca Examinadora, Dr. Sidnei Priolo Filho, Dra. Paula Inez Cunha Gomide, Dra. Gabriela Reyes Ormeño e ao Dr. Murilo Ricardo Zibetti propiciando assim o aprimoramento e conclusão do meu trabalho.

Apresentação

A violência contra o parceiro íntimo (VPI) tem sido uma das grandes preocupações por parte da sociedade, pois apesar dos avanços na legislação no que tange aos Direitos Humanos e a propagação massiva destes em todas as mídias, as estatísticas indicam dificuldades de controle e prevenção da mesma. Esta preocupação é vislumbrada no meio científico através de pesquisas das várias nuances da violência e nos inúmeros aspectos que a esta se inter-relacionam. O papel das crenças e da resiliência presentes ou não na violência em relacionamentos amorosos é o foco nesta produção científica.

Esse trabalho está composto na forma de coletânea com 2 artigos. O primeiro tem por objetivo identificar através de uma revisão sistemática conceito de resiliência mais utilizado em pesquisas brasileiras na área da Psicologia. Essa revisão não é só necessária pelo aumento das pesquisas sobre a temática da resiliência. Mas ,sobretudo, pelos diversos conceitos e modelos teóricos utilizados que, apesar de, trazerem uma ideia de unidade no campo, tratam de visões filosóficas e psicológicas distintas sobre essa temática. Esse artigo objetiva também reconhecer os principais instrumentos científicos que medem a resiliência.

O segundo artigo tem a intenção de pesquisar a relação das crenças, da história pessoal de violência e da resiliência com a violência em relacionamentos amorosos, através de pesquisa correlacional entre os instrumentos que avaliam esses constructos realizada com estudantes de uma faculdade do litoral paranaense. Dessa forma, espera-se contribuir para a construção de um modelo teórico que avalie como essas variáveis relacionam a vitimização e perpetração de comportamentos violentos. Por fim, são apresentadas as conclusões sobre o trabalho e possibilidades futuras sobre o tema.

Artigo 1 – Revisão sistemática de Resiliência em publicações Brasileiras: Conceito e

Instrumentos

RESUMO

A resiliência tem sido utilizada em várias áreas do conhecimento, desde a sua origem na física. Diversas pesquisas têm buscado compreender o papel da resiliência em aspectos psicológicos. O objetivo deste trabalho foi identificar os conceitos e instrumentos sobre resiliência utilizados em publicações brasileiras em pesquisas empíricas nos últimos 5 anos. Estes objetivos foram alcançados através de uma revisão sistemática que identificou 14 artigos que utilizam o termo “resiliência psicológica”. Os resultados apontam uma ausência de uniformidade no uso do conceito de resiliência. O instrumento mais utilizado é o de Wagnild e Young datado de 1993. Os resultados dessa revisão apontam para diversas definições distintas de resiliência utilizadas nas pesquisas brasileiras e maior utilização de um instrumento baseado em uma definição antiga da mesma.

Palavras-chave: resiliência psicológica; adversidades; inquéritos e questionários

ABSTRACT

Resilience has been used in many areas of knowledge, since its origin in physics. Diverse scientific research aimed to verify its interface with Psychology. The objective of this work was to identify the definitions and instruments about resilience employed in Brazilian empirical publications in the last 5 years. A systematic review in three Latin databases identified 14 articles that use the term "psychological resilience". The results point to an absence of uniformity in the use of the concept of resilience. The most used instrument was created by Wagnild and Young, dated 1993. The results of this review point to several different definitions of resilience used in Brazilian researches and greater use of an instrument based on an old definition of this construct.

Keywords: psychological resilience; adversities; surveys and questionnaires

O termo resiliência deriva da física e se refere ao retorno ao estado anterior, relacionando-se a capacidade de um determinado material de sofrer um estresse energético sem alterar suas condições originais (Poletto & Koller, 2008). Para as ciências humanas, segundo Garmezy (1989), palavras e expressões como “resiliência”, “força do ego”, “resistência ao estresse”, muitas vezes são utilizadas como similares na Medicina e na Psicologia. Nesse artigo será enfocada apenas a concepção de resiliência psicológica inicialmente veiculada nos meios científicos entre as décadas de 70 e 80. Essa concepção emergiu a partir da observação de sujeitos que, sob condições adversas, permaneciam saudáveis, conseguindo dar seguimento a suas vidas, como se fossem invulneráveis (Yunes, 2003).

Uma das definições mais aceitas atualmente, sugere que a resiliência psicológica é resultante de balanceio entre os fatores de proteção inerentes ao sujeito e ao meio que o circunda, recursos sociais e os fatores de risco que lhe são infringidos (Pinheiro, 2004). Nesse contexto, a resiliência é compreendida como uma interação entre os fatores de risco presentes na vida do indivíduo com seus fatores de proteção individuais e sociais (Garcia, Brino & Williams, 2009). Masten (2009) aponta que a resiliência de um indivíduo depende da resiliência de seus sistemas ecológicos interconectados, embarcando aspectos evolutivos, biológicos e socioculturais que aumentam a probabilidade de sobrevivência.

A resiliência engloba mecanismos emocionais, cognitivos, sociais e culturais, que vão sendo construídos ao longo do desenvolvimento humano à medida que desafios graduais estimulam a manifestação de recursos pessoais, mobilizando habilidades e estratégias de enfrentamento, conferindo ao indivíduo uma segurança na capacidade de enfrentar problemas (Masten, 2007). As pesquisas demonstram, porém, que a resiliência não é uma entidade única e estável. Ou seja, há a possibilidade da resiliência se manifestar eficiente em algumas áreas e vulnerável em outras (Assis, Pesce & Avanci, 2006; Masten, 2007; Lee, Cheung & Kwong, 2012). Para Luthar, Cicchetti e Becker (2000) e Riley e Masten (2005), que utilizam a perspectiva da

Psicologia Positiva, a resiliência é um processo dinâmico e situacional em que se pode visualizar uma adaptação positiva à fatores protetivos frente a situações desfavoráveis, propiciando a redução do impacto do risco, e da sintomatologia negativa que o acompanharia.

Apesar do arcabouço teórico a resiliência não apresenta uma conceituação definitiva nas pesquisas internacionais. O desenvolvimento de pesquisas sobre a temática foi iniciado nos Estados Unidos e na Europa, gerando uma conceituação diversificada. As pesquisas norte-americanas, demonstram um maior pragmatismo, centrado no ser humano fazendo avaliações quantificáveis, de enfoque ecológico ou behaviorista, dando a ideia que resiliência é resultado da relação entre a pessoa e o meio ao qual ela está inserida. A corrente europeia, demonstra uma ótica mais relativista, com foco psicodinâmico, sendo o sujeito o fator revelador da própria resiliência, extrapolando os fatores ambientais, sendo gerada na dinâmica psicológica do sujeito (Luthar, Cicchetti & Becker, 2000; Ojeda, 2004; Riley & Masten, 2005).

Uma revisão sistemática realizada por Windle, Bennett e Noyes (2011) sobre os principais instrumentos utilizados na literatura internacional apontam para 19 diferentes escalas para avaliação da resiliência. As escalas com as melhores propriedades psicométricas foram a Escala de Resiliência Connor-Davidson (Connor & Davidson, 2003) e a Escala Breve de Resiliência (Smith et al., 2008), ambas desenvolvidas nos Estados Unidos, e a Escala de Resiliência para Adultos (Friborg, Hjemdal, Rosenvinge & Martinussen, 2003), desenvolvida na Noruega,. Contudo, os autores da revisão reportam a necessidade de maiores pesquisas de confirmação de validade dessas escalas, em especial, pois entre as outras avaliadas, muitas não apresentavam adequação conceitual e teórica com a resiliência.

Influenciados por essas duas correntes distintas, diversos pesquisadores brasileiros têm se preocupado em estudar a resiliência. Nesse sentido, poucos estudos têm sido realizados a fim de identificar o uso desses diferentes conceitos para a realidade brasileira. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão sistemática de pesquisas da área da

Psicologia que utilizam o conceito de resiliência, buscando compreender semelhanças e diferenças nas definições. Adicionalmente, busca identificar quais são os instrumentos mais utilizados para mensurá-la atribuindo relação com o conceito utilizado.

Método

Foi realizada uma revisão sistemática da literatura acerca dos artigos publicados no Brasil para a conceituação de resiliência e dos instrumentos para a avaliação desta, nas bases de dados SciELO, PePsic e LILACS. Em todas as bases de dados foram utilizados os termos chave “resiliência psicológica”, sendo utilizados como filtros as publicações de periódicos nacionais escritas em português e publicadas entre os anos de 2013 a março de 2018. Adicionalmente, foi critério de inclusão a apresentação concepção de resiliência na fundamentação da pesquisa, bem como, o uso de instrumentos psicométricos de avaliação da resiliência como variável no estudo. Para tal, foram analisados os títulos e resumos dos estudos, sendo em seguida excluídos os estudos duplicados entre as bases. Na Figura 1 foi apresentado o diagrama de seleção dos artigos nas três bases utilizadas.

A princípio foram recuperados 62 artigos, perfazendo 20 da base de dados LILACS, 38 da base SciELO e 4 da base PePsic, os quais foram analisadas a introdução e a metodologia, sendo que foram identificadas 4 duplicatas entre as bases. Os 58 restantes foram baixados completos e 32 foram eliminados por serem revisões sistemáticas e não apresentarem dados empíricos, restando então 26 artigos que foram selecionados. Destes 11 foram excluídos por não utilizarem instrumentos psicométricos de avaliação da resiliência e um por ter sido realizado com população não brasileira. Por fim, foram selecionados 14 artigos para revisão sistemática cujos principais dados são apresentados na seção de resultados.

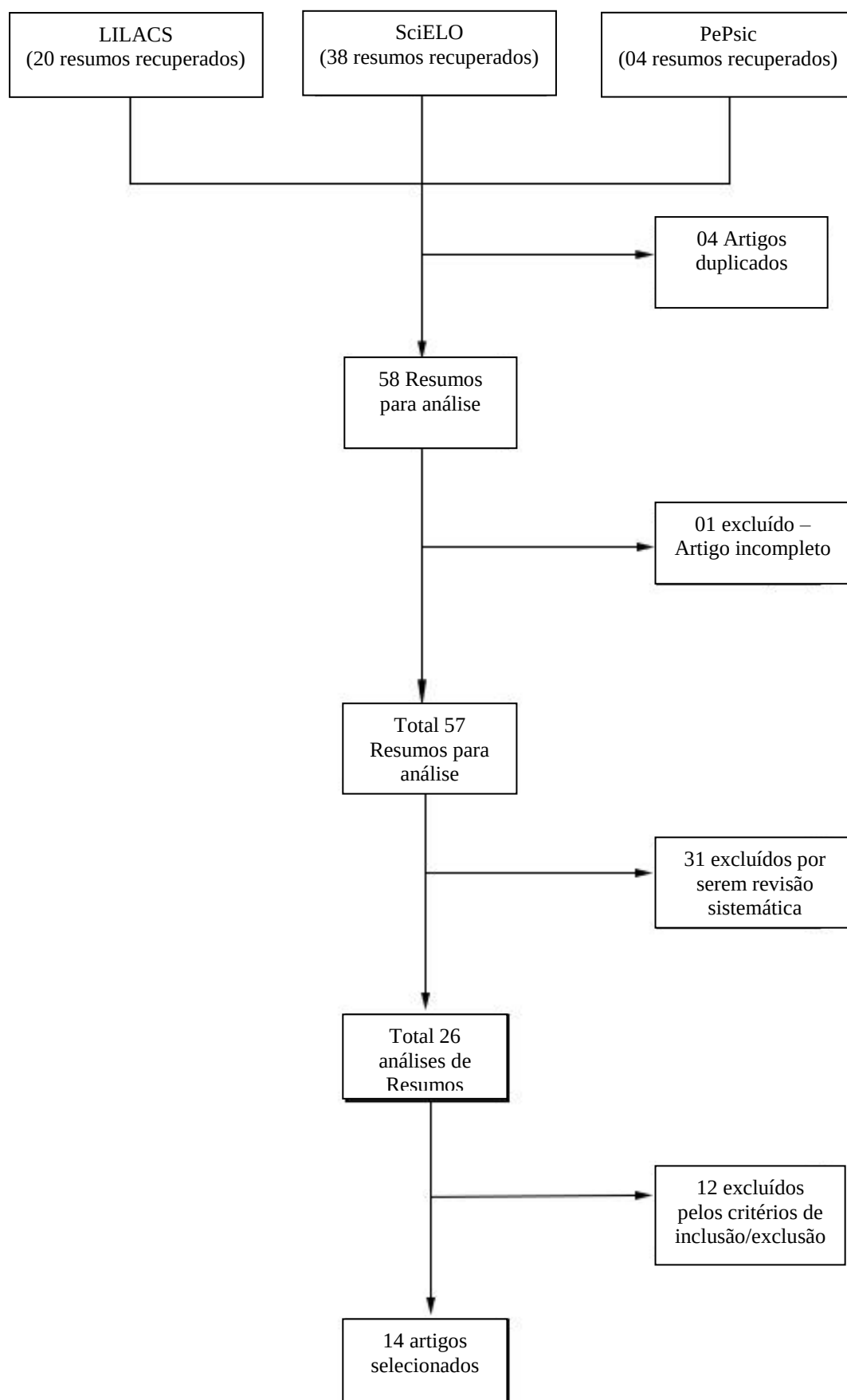


Figura 1. Fluxograma de busca, seleção e distribuição dos artigos encontrados.

Resultados

Os artigos encontrados foram lidos e as seguintes variáveis obtidas: referências, país, amostra e instrumento utilizados nas pesquisas selecionadas. O Inventário de Resiliência (IR)- instrumento autoaplicável com 40 itens associados a características atribuídas a pessoas resilientes (Benevides-Pereira, 2007) utilizado em um dos artigos selecionados; A escala de resiliência Karoly e Ruehlman (2006) também foi utilizada em um dos artigos estudados, assim como a escala de resiliência Connor-Davidson-10 (CD RISC-10). A escala mais utilizada, por 12 dos artigos, foi a desenvolvida por Wagnild e Young (1993) e adaptada ao contexto brasileiro por Pesce et al. (2005), que objetiva medir níveis de adaptação psicossocial positiva perante os acontecimentos importantes na vida por meio de 25 itens descritos de forma positiva, com respostas em escala Likert, variando entre 1 (discordo totalmente), 2 (discordo pouco), 3 (Não concordo nem discordo), 4 (concordo pouco) e 5 (concordo totalmente). A escala de Wagnild & Young (1993) é dividida em três fatores: Resoluções de Ações e Valores, Independência e Determinação e Autoconfiança e capacidade de adaptação a situações. A pontuação varia de 25 a 125 pontos analisada por fator e no total, sendo que maiores escores indicam resiliência mais elevada.

A Tabela 1 traz o título do artigo, autores, ano e a amostra utilizada no estudo em questão. Destaca-se também que a maioria das pesquisas nacionais ocorre no contexto de saúde, seja com trabalhadores da área, seja com pessoas envolvidas no processo de saúde-doença. Observam-se também a ausência de tópicos importantes na temática da resiliência como pesquisas relacionadas a aspectos da violência, seja ela na infância ou contra o parceiro íntimo.

Tabela 1. Artigos encontrados na revisão sistemática por título, autor, país, amostra e instrumento utilizado.

Estudo	Autor (ano)	Amostra
1 Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência	Pesce et al. (2015)	997 alunos entre 12 e 19 anos
2 Associação entre resiliência e qualidade de vida relacionada à saúde bucal em idosos	Teixeira et al. (2015)	498 idosos
3 Avaliação do grau de resiliência de adolescentes com hanseníase	Fernandes et al. (2013)	19 adolescentes de 10 a 15 anos
4 Estadiamento e grau de resiliência do sobrevivente ao câncer de mama	Genz et al. (2016)	112 s Sobreviventes ao câncer de mama
5 Estresse Ocupacional e Resiliência entre Profissionais de Saúde	Sousa & Araújo (2015)	92 profissionais da área da saúde
6 Identidade do homem resiliente no contexto de adoecer por câncer de próstata: uma perspectiva cultural	Pinto et al. (2014)	2 sobreviventes de câncer de próstata
7 Perfil de resiliência em pacientes com dor crônica	Souza et al. (2017)	414 Pacientes com dor crônica
8 Perfil sócio demográfico e econômico dos sobreviventes ao câncer segundo o grau de resiliência	Andrade et al. (2013)	264 sobreviventes do câncer
9 Personalidade e Resiliência como Proteção contra o Burnout em Médicos Residentes	Rodrigues et al. (2013)	121 residentes
10 Resiliência em Pacientes Portadores de Cardiopatia Isquêmica	Lemos et al. (2016)	133 pacientes entre 35 e 65 anos
11 Resiliência da equipe de saúde no cuidado a pessoas com transtornos mentais em um hospital psiquiátrico	Brolese et al. (2017)	40 profissionais da saúde
12 Resiliência em crianças acolhidas: suas percepções sobre as adversidades	Conzatti & Mosmann (2015)	10 crianças de 6 a 12 anos
13- Resiliência psicológica: fator de proteção para idosos no contexto ambulatorial	Fontes et al. (2015)	59 pacientes de 69 a 91 anos
14 Fatores sócio demográficos e condicionantes de saúde associados à resiliência de pessoas com doenças crônicas: um estudo transversal	Böel et al. (2016)	603 pessoas com diagnóstico de doença renal crônica

Tabela 2. Identificação da pesquisa, definição de resiliência utilizada e autor da referida definição

Nº	Conceito	Instrumento
1	Por resiliência entende-se o conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam o desenvolvimento saudável do indivíduo, mesmo este vivenciando experiências desfavoráveis. Rutter (1987)	Wagnild & Young
2	Resiliência está intimamente relacionada à forma como os indivíduos se portam diante das adversidades e a sua capacidade de voltar ao “normal” apesar delas. Rutter (1987)	Wagnild & Young
3	A resiliência é um processo dinâmico, que depende da interação de características pessoais e intrapsíquicas do ser humano com os aspectos do meio em que vive. Pode ser considerada como uma resposta individual frente ao risco, não estando relacionada com a eliminação do fator estressor, mas, sobretudo, a uma readaptação frente a ele. Pesce, Assis, Santos & Oliveira (2004)	Wagnild & Young
4	A resiliência é gerada da habilidade de lidar positivamente com as adversidades em busca da superação, utilizando recursos adaptativos na construção positiva para enfrentamento da realidade. Oliveira, Reis & Zanelato (2008)	Wagnild & Young
5	Resiliência abrange mecanismos emocionais, cognitivos e socioculturais que são construídos no decorrer da existência humana, a partir de desafios graduais que reforçam atributos pessoais, estratégias de enfrentamento e habilidades. Pode estar presente apenas em algumas esferas da vida do indivíduo. Ou seja, uma pessoa pode ser resiliente em determinadas situações e vulnerável em outras. Assis, Pesce & Avanci, (2006); Lee, Cheung & Kwong, (2012); Masten, (2007); Rutter, (2006).	Benevides-Pereira
6	A resiliência oriunda do apoio das relações sociais ou é intrínseca do indivíduo dependendo de sua história de vida. Pinto et al. (2014)	Wagnild & Young
7	Resiliência é a capacidade de se adaptar às circunstâncias estressantes, sendo associada à diminuição da percepção do estresse. A resiliência previne o estresse emocional, sendo associada a menores níveis de depressão e ansiedade. Luthar & Brown (2007)	Karoly & Ruehlman
8	Resiliência é a habilidade dos indivíduos em enfrentar e responder de forma positiva às experiências que possuem elevado potencial de risco para sua saúde e desenvolvimento. Silva, Lunardi, Lunardi Filho & Tavares (2005)	Wagnild & Young
9	A resiliência resulta das crenças do indivíduo, podendo conduzi-lo à adaptação saudável diante das adversidades. Barbosa (2006)	Wagnild & Young
10	Resiliência é a capacidade do indivíduo de enfrentar adversidades sem sucumbir a elas, transcendendo o impacto negativo dos eventos estressores do curso da vida. Edward (2013)	Wagnild & Young
11	O conceito de resiliência tem sido transportado e difundido para as ciências humanas para descrever o potencial de uma pessoa ou grupo de pessoas de se construir ou se reconstruir positivamente mesmo em um ambiente adverso e desfavorável. Arrogante (2015)	Wagnild & Young
12	Promover a segurança afetiva e a base de apegos necessária ao desenvolvimento saudável das crianças. Cyrulnik (2005).	Wagnild & Young
13	Resiliência psicológica é definida como fator de proteção em relação às desordens psicóticas, caso em que os indivíduos resilientes seriam possuidores de maior autoestima, auto eficácia, mais habilidades para resolver problemas e maior satisfação com relações interpessoais. Rutter (2007)	Wagnild & Young
14	Quando se trata de enfermidade, a resiliência surge como possibilidade de mudança, sendo compreendida como capacidade da pessoa de lidar com a doença, aceitando as limitações impostas pela condição, com a devida adesão ao tratamento, buscando adaptar-se a situação e viver de forma positiva. Bianchini & Dell’Aglia (2006)	Connor & Davidson

A Tabela 2 apresenta as definições de resiliência e os instrumentos utilizados. Nota-se variedade entre as definições utilizadas nas pesquisas, com concentração nos aspectos relacionados a adversidades ou experiências desagradáveis durante o desenvolvimento. Outro aspecto a ser destacado é que algumas das definições tratam da resiliência como constructo eminentemente psicológico, enquanto outros autores apontam como uma série de características físicas, psicológicas, comportamentais, sociais e culturais que os indivíduos podem apresentar em sua história. Em especial, os autores apontam para a importância da rede de apoio e seu papel para o desenvolvimento da resiliência nos participantes da pesquisa.

Discussão

Essa pesquisa teve o objetivo de realizar uma revisão sistemática da definição de resiliência, bem como identificar os instrumentos técnicos utilizados para a sua avaliação. Foi realizada uma revisão nas bases PePsic, SciELO e LILACS e obtidos 14 estudos publicados no Brasil que obedeceram aos critérios de inclusão, publicados entre 2013 e março de 2018.

Este estudo demonstrou que há atualmente no Brasil diversos instrumentos disponíveis para a avaliação de resiliência, embora seja evidente a preferência em 80% dos artigos estudados pela Escala de Resiliência Wagnild e Young (1993) (α de Cronbach = 0,91) adaptada ao contexto brasileiro por Pesce et al. (2005) com boa confiabilidade (α de Cronbach = 0,80). Também são utilizados o Inventário de Resiliência (Pereira, 2007), a escala de Resiliência (Karoly & Ruehlman, 2006) (α de Cronbach = 0,89) e a escala de resiliência Connor-Davidson-10 (CD RISC 10, Campbell-Sills & Stein, 2007) (α de Cronbach = 0,85). Interessante observar que dois dos instrumentos mais utilizados pelos pesquisadores internacionais não são utilizados na realidade nacional, a saber a Escala Breve de Resiliência (Smith et al., 2008) e a Escala de Resiliência para Adultos (Friborg et al., 2003). Quanto às evidências de adequação psicométrica, os parâmetros avaliados demonstraram que a maioria dos estudos incluídos apresentou boas evidências de validade e fidedignidade para os instrumentos.

Com relação ao conceito de resiliência, este estudo demonstra que mesmo diante do mesmo instrumental técnico utilizado, diferentes concepções são evidenciadas, como pode ser visto analisando as Tabelas 1 e 2. A resiliência é um construto intrincado, tornando-se muito complicado estabelecer um perfil resiliente universal mostrando-se submetida a peculiaridades culturais, situacionais, religiosas, sociais, familiares e intrínsecas ao indivíduo, derivando disto uma variedade de caminhos, muitas vezes difíceis de prever (Ungar, 2013).

No início das pesquisas do tema resiliência, há mais de 40 anos, acreditava-se que esta seria uma característica inerente de alguns indivíduos, que os tornavam invulneráveis (Masten, 2007; Yunes, 2003). Esta invulnerabilidade os tornava mais habilitados a interagir com situações problemáticas. A partir dos anos 2000, resiliência vem sendo difundida para as ciências humanas descrevendo o potencial de um indivíduo ou conjunto de pessoas para se construir ou se reconstruir positivamente mesmo diante de problemas ou em um ambiente adverso e desfavorável, contudo o contexto cultural e social em que a resiliência pode ser desenvolvida tem tido cada vez mais atenção dos pesquisadores (Masten, 2007; Ungar, 2003). Entretanto, as definições utilizadas nas pesquisas nacionais não apontam de forma clara para o papel da cultura na construção da resiliência, em especial, como a cultura brasileira, seja ela vista de forma integral ou regional, afeta esse construto para os indivíduos.

A maioria das definições aponta a resiliência como um processo dinâmico, que depende da interação de características pessoais e psicológicas (e.g. estratégias de enfrentamento, estresse emocional, base de apego, entre outros) do ser humano com os aspectos do ambiente. Assim como, a habilidade de lidar positivamente, como uma resposta individual frente ao risco, em busca de uma superação dos eventos negativos, utilizando recursos adaptativos na construção positiva, não necessariamente implicando na ausência do fator estressor inicial, mas sim a uma readaptação frente a essas necessidades causadas por este.

O campo da resiliência tem sido mais discutido em relação à traumas como a violência

na infância e a violência contra o parceiro íntimo (Flett, Flett & Wekerle, 2015) e doenças crônica ou potencialmente fatais como o câncer e a hanseníase (Böel et al., 2016; Genz et al., 2016; Pinto et al., 2014), em ambos os casos, a resiliência é percebida como a capacidade do paciente de lidar com a doença, com a dor, aceitando as limitações com a devida adesão ao tratamento ou intervenção, buscando aspectos positivos da experiência traumática. Entretanto, as definições internacionais mais aceitas consideram também que a resiliência, nestes casos, deve também ser uma habilidade a ser ensinada, ou seja, ela não é uma característica inerente as pessoas, mas algo que pode ser promovido, incentivando de acordo com características pessoais, sociais e da cultura em que a pessoa está inserida (Masten & Cicchetti, 2016).

Há ainda um longo trajeto a se percorrer para a conceituação da resiliência, em face da variedade de concepções e mesmo da incompletude destes. Sugere-se que pesquisas futuras verifiquem estratégias de promoção da resiliência e seus possíveis comportamentos e consequências para de eventos negativos ou traumáticos. Dessa forma, uma definição de resiliência estaria sujeita as condições impostas a cada indivíduo, bem como aspectos quantificáveis e subjetivos do comportamento humano. Por fim, é fundamental que o conceito de resiliência adotado seja capaz de lidar com as diferenças individuais e culturais de cada ambiente, para que a avaliação dessa habilidade seja a mais compreensiva possível.

Essa revisão teve como objetivo verificar os instrumentos e definições mais utilizados nas publicações brasileiras sobre resiliência. Os achados apontam que os autores utilizam diversas definições sobre o tema, contudo com semelhanças em alguns aspectos, em especial, da importância da rede de apoio social para o desenvolvimento da resiliência. Além disso, não foram observadas pesquisas relacionando a resiliência com adversidades frequentes na população brasileira, como a violência. Isto é, há uma necessidade social e científica de verificar interações entre essas temáticas. Adicionalmente, mostra que o instrumento mais utilizado é datado de 1993 (Wagnild & Young, 1993), ou seja, é possível que as definições

utilizadas na criação desse instrumento não sejam mais adequadas ou ainda atualizadas com o aprimoramento das informações sobre a resiliência. Com isso, sugere-se a criação de instrumentos nacionais sobre a temática ou ainda, a adaptação de instrumentos modernos que consigam avaliar de maneira abrangente esse constructo tão complexo.

Referências

- Arrogante O. (2015) Resiliencia en enfermería: definición, evidencia empírica e intervenciones. *Index de Enfermería*, 24(4), 232-35.
- Assis, S. G., Pesce, R. P.& Avanci, J. Q. (2006). Resiliência: Enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Benevides-Pereira, A. M. T. (2012). IR – Inventário de resiliência. [S.l.]: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Estresse e Síndrome de Burnout, 2007. Retirado em 10 de outubro de 2018 de <http://gepeb.wordpress.com/ir/>
- Campbell-Sills, L., & Stein, M. B. (2007). Psychometric analysis and refinement of the Connor–Davidson resilience scale (CD-RISC): validation of a 10-item measure of resilience. *Journal of Traumatic Stress: Official Publication of The International Society for Traumatic Stress Studies*, 20(6), 1019-1028.
- Connor, K. M., & Davidson, J. R. (2003). Development of a new resilience scale: The Connor-Davidson resilience scale (CD-RISC). *Depression and anxiety*, 18(2), 76-82.
- Flett, G. L., Flett, A. L., & Wekerle, C. (2015). A conceptual analysis of interpersonal resilience as a key resilience domain: Understanding the ability to overcome child sexual abuse and other adverse interpersonal contexts. *International Journal of Child and Adolescent Resilience*, 3(1), 4-33.
- Friborg, O., Hjemdal, O., Rosenvinge, J. H., & Martinussen, M. (2003). A new rating scale for adult resilience: what are the central protective resources behind healthy adjustment? *International journal of methods in psychiatric research*, 12(2), 65-76.

- Garcia, S. C.; Brino, R. F. & Williams, L. C. A. (2009). Risco e resiliência em escolares: um estudo comparativo com múltiplos instrumentos. *Psicologia da Educação*, 28, 23-50.
- Garmezy, N. (1989) Foreword: Vulnerable but invincible: A longitudinal study of resilient children and youth. In E. E. Werner & R. S. Smith. 2th edition, pp. 13-19. New York: Adams, Bannister, Cox.
- Hayes, S. C., Villatte, M., Levin, M., & Hildebrandt, M. (2011) Open, aware, and active: Contextual approaches as an emerging trend in the behavioral and cognitive therapies. *Annual Review of Clinical Psychology*, 7, 141-68.
- Hutz, C. S., Koller, S. H., & Bandeira, D. R. (1996). Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. In S. H. Koller (Org.), Aplicações da psicologia na melhoria da qualidade de vida. *Coletâneas da ANPEPP*, 12, pp. 79-86. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia.
- Karoly, P., & Ruehlman, L. S. (2006). Psychological “resilience” and its correlates in chronic pain: findings from a national community sample. *Pain*, 123(1-2), 90-97.
- Lee, T. Y., Cheung, C. K. & Kwong, W. M. (2012). Resilience as a positive youth development construct: a conceptual review. *The Scientific Word Journal*.
<https://doi.org/10.1100/2012/390450>
- Luthar, S. S.; Cicchetti, D. & Becker, B. (2000) The construct of resilience: a critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development*, 71, (3), 543-562.
- Masten, A. S. (2019). Resilience from a developmental systems perspective. *World Psychiatry*, 18(1), 101-102.
- Masten, A. (2007) Resilience in developing systems: progress and promise as the fourth wave rises. *Development and Psychopathology*, 19(3), 921-930.
- Masten, A. S., & Cicchetti, D. (2016). Resilience in development: Progress and transformation. *Developmental psychopathology*, 4, 271-333.

- Ojeda, E. N. S. (2004.) Introducción: Resiliencia e subjetividad. In A. Melillo, E. N. S. Ojeda, & D. Rodríguez (Orgs.), *Resiliencia y subjetividad: Los ciclos de la vida* (pp. 17-20). Buenos Aires: Paidós.
- Pesce, R. P., Assis, S. G., Avanci, J. Q., Santos, N. C., Malaquias, J. V., & Carvalhaes, R. (2005). Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. *Cadernos de Saúde pública*, 21, 436-448. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2005000200010>
- Pinheiro, D. P. N. (2004). A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo*, 9(1), 67-75.
- Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de psicologia*, 25(3), 405-416.
- Ribeiro, R. P., Martins, J. T., Marziale, M. H. P., & Robazzi, M. L. D. C. C. (2012). Work-related illness in nursing: an integrative review. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 46(2), 495-504. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342012000200031>
- Riley, J. R., & Masten, A. S. (2005) Resilience in context: Linking context to practice and policy. In R. D. Peters, B. Leadbeater, & R. J. McMahon (Eds.), *Resilience in children, families, and communities: Linking context to practice and policy* (pp. 13-25). New York, NY: Kluwer Academic/Plenum.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American journal of orthopsychiatry*, 57(3), 316-331.
- Smith, B. W., Dalen, J., Wiggins, K., Tooley, E., Christopher, P., & Bernard, J. (2008). The brief resilience scale: assessing the ability to bounce back. *International Journal of behavioral medicine*, 15(3), 194-200.
- Ungar, M. (2013). Resilience, trauma, context, and culture. *Trauma, violence, & abuse*, 14(3), 255-266.

- Yunes, M. A.; Szymanski, H. (2001) Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: *Resiliência e educação*, p.13-42. Tavares, J. (Org.). São Paulo: Cortez.
- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8(spe), 75-84. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722003000300010>
- Wagnild, G. M & Young, H. M. (1993). Development and psychometric evaluation of the Resilience Scale. *Journal of Nursing Measurement*, 1(2), 165-178.
- Windle, G., Bennett, K. M., & Noyes, J. (2011). A methodological review of resilience measurement scales. *Health and quality of life outcomes*, 9(1), 8.

Artigo 2 – O papel da resiliência como moderadora da violência em relacionamentos amorosos

RESUMO

A violência contra o parceiro íntimo tem sido alvo de diversas investigações sobre as variáveis que podem impactar a sua prevalência. Este artigo investigou a relação entre resiliência, crenças sobre a violência e a ocorrência de violência contra o parceiro íntimo. Participaram da pesquisa 250 universitários do litoral do Paraná que responderam questões sociodemográficas, o Inventário de Resiliência Connor-Davidson, o Conflict Adolescent Dating Relationship Inventory e o Questionário de Crenças sobre a Violência Intrafamiliar. Os resultados indicam correlações significativas e negativas entre a intensidade da resiliência, vitimização e a perpetração da violência para ambos os gêneros. Adicionalmente, a vitimização e a perpetração de violência contra o parceiro íntimo estão positivamente correlacionadas. Os resultados apontam para a importância da resiliência como variável relevante na violência contra o parceiro íntimo, com potencial de diminuir a sua ocorrência.

Palavras-chave: Resiliência; crenças; violência por parceiro íntimo; inquérito; questionário

ABSTRACT

Intimate Partner Violence has been the object of several investigations on the variables that can impact its prevalence. This research investigated the relationship between resilience, attitudes about violence and the occurrence of violence against the intimate partner. Participating in the study were 250 university students from a coastal city of Paraná who answered demographics, the Connor-Davidson Resilience Inventory, the Conflict Adolescent Dating Relationship Inventory, and the Attitudes about Family Violence. The results indicate significant and negative correlations between the strength of resilience, victimization and the perpetration of violence for both genders. In addition, victimization and perpetration of violence against the intimate partner are positively correlated. The results point to the importance of resilience as a relevant variable in violence against the intimate partner, with the potential to decrease its occurrence.

Keywords: Resilience; beliefs; intimate partner violence; survey; quiz

A violência entre parceiros íntimos (VPI) se manifesta de forma múltipla e preponderante nas várias culturas, tornando-se uma temática socialmente relevante, considerada um problema de saúde pública. A VPI envolve circunstâncias de condutas agressivas tanto física como emocionalmente e inclui qualquer tipo de abuso físico, sexual ou emocional praticado por um parceiro contra o outro, em um relacionamento íntimo passado ou atual (Garcia-Moreno, Jansen, Ellsberg, Heise, & Watts, 2006).

Seja pelas suas possíveis consequências ou pela sua alta prevalência, a temática da violência nos relacionamentos amorosos teve um aumento no número de pesquisas nos últimos anos (Koker, Mathews, Zuch, Bastien, & Mason-Jones, 2014). Entre os principais fatores de risco apontados pelas pesquisas podemos destacar: depressão, uso de álcool, uso de maconha e modelos desviantes na vizinhança, altos níveis de raiva e ansiedade, uso de substâncias, comportamento sexual, aceitação social pelos pares, agressão generalizada, experiência anterior de violência no namoro, violência entre pares, ter amigos que praticam violência e conflitos entre os pais (Foshee, et al., 2011; Vagi, et al., 2013; Wolfe, et al., 2003). Apesar desse conjunto de pesquisas, ainda há uma necessidade de compreender quais fatores de risco e proteção são compartilhados por essas formas de violência e quais podem ser alvo de prevenções universais (*Department of Health and Human Services*, 2001).

Outro efeito observado foi um aumento do risco e consequente prevalência de violência no relacionamento amoroso entre o Ensino Médio e os anos da Universidade, mostrando a necessidade de investigação sobre a faixa de idade (Elisa, Giulia, & Patrizia, 2012). Um ponto a ser destacado sobre esses fatores de risco é que devido a não existência de pesquisas em outras culturas, há uma possibilidade de que eles estejam relacionados com a cultura canadense e norte-americana, onde foram realizadas a maior parte das pesquisas. Dessa forma, compreender quais desses são fatores de risco e quais estão correlacionados com a violência é fundamental para compreender a violência nos relacionamentos amorosos na realidade

brasileira que ainda carece maior aprofundamento das pesquisas sobre o tema (Barreira, Lima, & Avanci, 2013).

Entre os principais fatores de risco apontados pelas pesquisas podemos destacar: depressão, uso de álcool, uso de maconha e modelos desviantes na vizinhança, altos níveis de raiva e ansiedade, uso de substâncias, comportamento sexual, aceitação social pelos pares, agressão generalizada, experiência anterior de violência no namoro, violência entre pares, ter amigos que praticam violência e conflitos entre os pais (Foshee, et al., 2011; Vagi, et al., 2013; Wolfe, et al., 2003).

Uma variável que tem sido investigada em intervenções sobre violência entre parceiros amorosos, mas que não foi analisada em populações latino americanas são as crenças sobre a violência. Indivíduos adultos que apresentam crenças mais favoráveis sobre a violência e menos favoráveis sobre as mulheres tem maiores chances de praticar agressões mais sérias nos seus relacionamentos amorosos (Holtzworth-Munroe & Stuart, 1994). Ou seja, é fundamental compreender como essa dinâmica entre crenças e comportamento violento ocorrem em casais que não coabitam e coabitam.

Os comportamentos resilientes podem ser emitidos por pessoas envolvidas em situação de violência e que apresentam consequências negativas dessa vitimização. A resiliência reflete bons resultados apesar de sérias ameaças a adaptação e desenvolvimento e, apesar da sua natureza relativamente simples, não há consenso quanto à sua definição operacional (Goldstein, Faulkner, & Wekerle, 2013). Resiliência tem sido definida como: a) a ausência de um resultado negativo particular em populações em risco ou a ausência de transtornos psiquiátricos ou suicídio; b) um nível normal de funcionamento em um determinado domínio; c) um escore baseado em múltiplos índices de funcionamento que refletem resultados positivos e ausência de resultados negativos (Goldstein, Faulkner, & Wekerle, 2013; Tanaka & Wekerle, 2014). A resiliência pode utilizar indicadores externos (e.g. perseguir oportunidades educacionais e

profissionais, envolvimento na comunidade e desenvolvimento de relações íntimas com amigos e parceiros) e internos (e.g. altos níveis de autoestima e baixos níveis de sintomas depressivos). Com isso, vítimas e agressores da violência nos relacionamentos amorosos poderiam apresentar melhor prognóstico e menores consequências em caso de maior resiliência interna e externa (Goldstein, Faulkner, & Wekerle, 2013).

Visto os dados apresentados, o objetivo dessa pesquisa é avaliar a relação entre violência nos relacionamentos amorosos, crenças e resiliência em uma população de universitários do Estado do Paraná. Adicionalmente, será verificada a presença de diferenças de gênero e idade nessas variáveis.

Método

Participantes

Participaram dessa pesquisa 350 universitários de uma cidade do litoral do Paraná com idades entre 18 e 55 anos. Um total de 276 participantes completaram todos os instrumentos e se declararam heterossexuais, sendo 185 (67,0%) mulheres e 91 (33,0%) homens. A média de idade das mulheres foi de 24,60 anos (DP=7,58) e dos homens 25,06 (DP=8,71) sem diferenças significativas entre os grupos ($p=0,66$). A Tabela 1 apresenta a distribuição dos participantes quanto ao gênero e status de relacionamento amoroso.

Tabela 1. Frequência absoluta e relativa da distribuição dos participantes de acordo com gênero e status de relacionamento dos participantes.

Sexo	Status do relacionamento atual			Total
	Casado/Vivendo junto	Namorando/Noivo	Sem relacionamento estável	
Feminino	56 (30,3%)	67 (36,2%)	62 (33,5%)	185
Masculino	23 (25,3%)	30 (33,0%)	38 (41,8%)	91
Total	79 (28,6%)	97 (35,1%)	100 (36,2%)	276

A distribuição é característica da idade da amostra, de acordo com dados do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017) que apresenta que a maioria dos casamentos na região territorial de Curitiba ocorrem entre 30 e 34 anos de idade, superior à média da amostra dessa pesquisa.

Instrumentos

Foram aplicados os seguintes instrumentos e na coleta de dados:

- a) Dados sócio demográficos, no qual o participante informou sua idade, gênero, orientação sexual e status de relacionamento amoroso.
- b) *Conflict Adolescent Dating Relationship Inventory – Short Form* (CADRI) (Fernández-González, Wekerle, & Goldstein, 2012; Wolfe, et al., 2003) que passou por uma adaptação simples para o português por dois especialistas na área de VPI. A escala foi traduzida pelos pesquisadores e aplicada em um piloto para verificação de compreensão e aplicação. Esse instrumento é composto de 10 questões que avaliam a perpetração e vitimização dos participantes quanto a violência física, psicológica e sexual em relacionamentos amorosos. Análise de consistência interna para essa amostra indicou que alpha de Cronbach apontou valores adequados para vitimização ($\alpha = 0,76$) e para perpetração ($\alpha = 0,90$).
- c) Questionário sobre a violência intrafamiliar (Ferrari, Priolo Filho, & Brino, 2016) que contém 45 questões em que o participante aponta se acredita que ela seja verdadeira ou falsa para a sociedade. Por exemplo, o participante deverá apontar se acredita que a frase “A mulher que apanha do marido pode largar dele, basta querer” é verdadeira ou falsa avaliando as crenças dos participantes sobre a violência intrafamiliar. O trabalho de Ferrari et al. (2016) apresenta a escala com alpha de Cronbach elevado ($\alpha = 0,86$).
- d) Escala de Resiliência de Connor-Davidson (Cd-Risc-10) validada para o Brasil por (Solano, et al., 2016) que consiste em 25 itens que avaliam diferentes aspectos da resiliência (e.g. lidar com estresse, dar a volta por cima) com opções variando entre “Nem um pouco verdadeiro” a “Quase sempre verdadeiro” com uma pontuação que varia entre 0 e 100 pontos.

Procedimento

Essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa e sua coleta de dados iniciada após a sua aprovação pelo protocolo nº 85267418.4.0.0000.08040. Com a autorização da instituição, os professores das turmas de alunos a serem pesquisadas foram contatados sobre dias e horários possíveis para a coleta de dados. Os participantes foram convidados a participar da pesquisa durante o horário de aulas e a aplicação realizada imediatamente com duração média de 30 minutos. Foi destacado o anonimato dos participantes nos questionários como forma de aumentar a confiabilidade das respostas. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Anexo I) e após a assinatura os instrumentos foram entregues e preenchidos. Nenhum participante apresentou desconforto durante a aplicação ou solicitou a interrupção da aplicação. Os pesquisadores forneceram informações de contato para eventuais dúvidas dos participantes ao final da coleta.

Análise de dados

Todas as respostas aos instrumentos de pesquisa foram avaliadas de acordo com seus manuais.(ou instrução dos autores) e, posteriormente, inseridas em um banco de dados no pacote estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS versão 23.0). Foram realizadas análises descritivas da amostra, testes *T* de amostras independentes para a ocorrência de violência, resiliência e crenças entre os gêneros. Posteriormente, foi realizada uma regressão logística binária sendo dicotomizados os escores das variáveis da seguinte maneira: a) CADRI Vitimização e Perpetração foram categorizados entre ocorrência e não-ocorrência; b) Crenças: acima ou abaixo da média da amostra e; c) Resiliência: abaixo ou acima da média da amostra, conforme manual do instrumento. A regressão teve como fatores preditivos gênero, relacionamento amoroso atual e os escores desses instrumentos e como variável dependente em um dos modelos a vitimização e no outro a perpetração. Por fim, foram realizadas correlações parciais entre as variáveis dos instrumentos e das características

sociodemográficas.

Resultados

A Tabela 2 apresenta as médias e desvios padrão de todos os instrumentos de acordo com o gênero dos participantes. Adicionalmente, apresenta os valores de um teste t amostra independentes para cada uma das variáveis comparando os sexos.

Tabela 2. Escores dos participantes nas variáveis crenças, resiliência, vitimização e perpetração da violência contra o parceiro amoroso e valor de significância de um teste t entre os gêneros.

Variável	Gênero		<i>t</i>	<i>p</i>
	Feminino M (DP)	Masculino M (DP)		
Crenças	36,69 (5,43)	34,56 (6,74)	2.82	<0.01*
CD-Risc	63,94 (17,68)	70,37 (19,68)	-2.73	<0.01*
CADRI Perpetração	2,97 (3,47)	1,59 (2,21)	3.14	0.03*
CADRI Vitimização	3,90 (5,75)	2,34 (3,77)	2.12	<0.01*

Os dados da Tabela 2 apontam diferenças significativas entre homens e mulheres em todas as quatro variáveis, com as mulheres com maior número de crenças adequadas, perpetração e vitimização em relacionamentos amorosos. Enquanto, os homens apresentam maiores escores de resiliência. A partir dessas diferenças observadas foram realizadas regressões logísticas binárias. A primeira regressão teve como variável dependente a vitimização e como fatores gênero, relacionamento atual e classificação de crenças e resiliência. Essa regressão apresentou um bom ajuste ao modelo ($p=0,77$), sendo que somente a variável gênero apresentou interação significativa com o modelo ($p=0,01$). Para a perpetração

o mesmo padrão foi observado para o ajuste do modelo ($p=0,78$) e para a interação significativa com gênero ($p=0,01$).

Uma correlação parcial utilizando o *status* do relacionamento atual e as variáveis utilizadas na correlação por gênero indicam ausência de correlação. Com isso, a variável de *status* de relacionamento atual não estava correlacionada significativamente com os escores de crenças, resiliência, vitimização ou perpetração de violência. Um teste ANOVA comparando as médias dos escores mostrou que pessoas em coabitação ($M=3,15$ $DP=4,45$) quando comparados com namorados ($M=1,92$ $DP=2,38$) apresentavam maiores escores de perpetração de violência ($t(182)=2,89$, $p<0,01$). Não foram observadas diferenças significativas entre os grupos nas outras variáveis.

A Figura 1 apresenta o diagrama das correlações entre as variáveis do escore total de crenças, escore total do CD-Risc, vitimização e perpetração mensuradas pelo CADRI controlando para gênero e *status* do relacionamento atual.

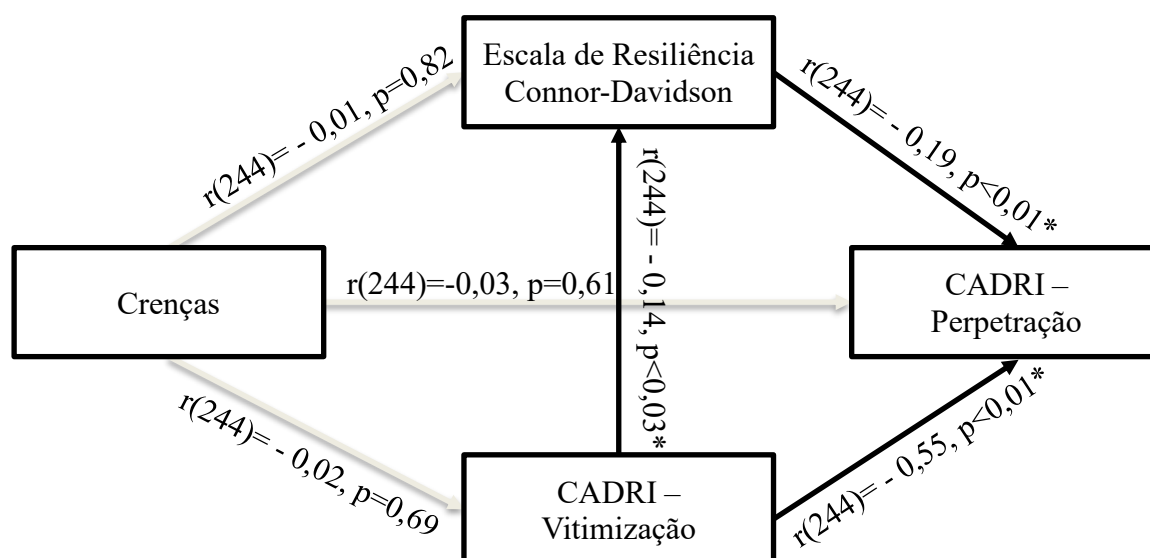


Figura 1. Diagrama de correlações entre as variáveis. Linhas cinzas indicam correlações não significativas e linhas pretas indicam correlações significativas.

Por fim, foram realizadas correlações para as variáveis de interesse de acordo com o gênero dos participantes. Os resultados apontam que para os homens a resiliência estava negativamente correlacionada com a perpetração ($r(69)=-0,36$, $p<0,01$) e vitimização e perpetração estavam positivamente correlacionadas ($r(69)=0,62$, $p<0,01$). Para as mulheres a resiliência também está negativamente correlacionada com a perpetração ($r(159)=-0,15$, $p=0,05$) e vitimização e perpetração positivamente correlacionadas ($r(159)=0,55$, $p<0,01$). Para ambos os gêneros, o escore de crenças não estava correlacionado com nenhuma variável de maneira significativa.

Discussão

Essa pesquisa buscou investigar as relações entre as variáveis crenças, resiliência e perpetração ou vitimização em relacionamentos amorosos. Os resultados apontam que ser do sexo feminino tem maior relação com vitimização, perpetração e crenças adequadas e ser do sexo masculino maiores escores de auto relato de resiliência. Adicionalmente, tanto a perpetração quanto a vitimização estão correlacionadas com menores escores na escala de resiliência e também apresentam uma correlação negativa entre si.

Os dados apontando que apesar da diferença significativa entre homens e mulheres nas respostas adequadas de gênero, resultado semelhante ao obtido em amostras de adolescentes, jovens adultos e adultos em coabitação em pesquisas internacionais (Foshee, et al., 2011; Holtzworth-Munroe & Stuart, 1994; Koker, Mathews, Zuch, Bastien, & Mason-Jones, 2014; Wolfe, et al., 2003). Contudo, os dados dessa pesquisa avançam ao apresentar que as crenças não fazem parte do modelo explicativo da perpetração ou vitimização dos participantes, bem como, não apresenta correlações com essas variáveis e com a resiliência. Esse dado indica que apesar do foco de boa parte das intervenções publicadas para mudança de comportamento de vitimização e perpetração da violência, esse não parece afetar diretamente a ocorrência dos

mesmos (Koker, Mathews, Zuch, Bastien, & Mason-Jones, 2014; Zaher, Keogh, & Ratnapalan, 2014).

Essa pesquisa apresenta que a resiliência tem correlações negativas com a perpetração e vitimização de maneira significativa. Esse resultado indica que a resiliência, apesar de não apresentar significância em um modelo causal, tem impacto na violência contra o parceiro íntimo. Esses dados apontam congruência com dados da União Europeia (Herrero, Vivas, Torres, & Rodríguez, 2018) e dos Estados Unidos (Munoz, Shane, & Brown, 2017), que apontam a resiliência como fator protetivo para a vítimas. Mas, que haveria uma interação entre a história de vida das vítimas com a promoção da resiliência, bem como, o seu bem-estar dentro da sociedade. Ou seja, para as vítimas o papel da resiliência seria multinível e afetaria tanto as consequências emocionais quanto a permanência em um relacionamento violento (Herrero et al., 2018). Ou seja, é possível que diferenças culturais em um país como o Brasil respondam por diferentes aspectos de resiliência entre vítimas, em especial, das que sofrem violências mais severas e frequentes. Outros fatores que têm sido destacados como potenciais efeitos positivos para a resiliência são uma maior espiritualidade e apoio social (Howell, Thurston, Schwartz, Jamison, & Hasselle, 2018). Pesquisas futuras podem investigar se há diferenças do impacto da promoção da resiliência em diferentes contextos de relacionamentos amorosos em amostras brasileiras.

A relação entre resiliência e perpetração da violência é significativa para ambos os gêneros e indica que homens com maior resiliência apresentam menor perpetração de comportamentos violentos. Esse dado aponta para a necessidade do fortalecimento de estratégias de promoção da resiliência podem afetar a prática de comportamentos violentos. O encadeamento entre resiliência, perpetração e vitimização indica que essas três variáveis caminham de maneiras semelhantes no desenvolvimento, de forma que intervenções futuras devem se adequar a esses novos conhecimentos atuam em conjunto com aspectos interpessoais

e auto regulatórios (Grych, Hamby, & Banyard, 2015). Uma característica do processo de promoção da resiliência talvez seja a capacidade de ser resiliente pode permitir enfrentar características aversivas dos relacionamentos sem, necessariamente, o uso de violência.

Um fator adicional que parece impactar as pesquisas sobre violência é o fato de que homens apontarem menor perpetração que as mulheres. Esse fato pode estar relacionado a uma queda observada em outros países da perpetração masculina (Caman, Kristiansson, Granath, & Sturup, 2017). Contudo, como os dados brasileiros carecem de padronização e continuidade é difícil fazer essa mesma afirmação quanto aos dados brasileiros. Outra possibilidade é que na maior parte dos casos há uma simetria da frequência da violência, mas não das suas consequências (Langhinrichsen-Rohling, Misra, Selwyn, & Rohling, 2012). Da mesma forma, os pesquisadores brasileiros precisam identificar quais seriam os padrões nacionais, isto é, se os homens subestimam seus comportamentos violentos, em especial, os homens que são mais violentos (Emery, 2010), ou se de fato há uma semelhança entre a perpetração de homens e mulheres em relacionamentos amorosos. Contudo, apontando as diferenças de gênero que essa violência possui, bem como as diferenças de poder representadas por ela (Reed, Raj, Miller, & Silverman, 2010).

Essa pesquisa apresenta algumas limitações, sendo a principal delas o fato de utilizar de amostra proveniente de apenas uma universidade brasileira. Pesquisas futuras devem realizar amostragens mais compreensivas como forma de obter generalizações sobre o fenômeno. Outra limitação encontrada consiste no fato dos instrumentos serem de auto relato, o que pode implicar em subestimação da prática da violência para os homens o que pode impactar análises futuras. Adicionalmente, sugere-se que novas pesquisas busquem formas de solucionar essa dificuldade na coleta de dados sobre a violência contra o parceiro íntimo que atravessa culturas.

Por fim, esse trabalho buscou obter dados sobre as interações entre crenças, resiliência e prática e vitimização da violência contra o parceiro íntimo. Esses resultados apontam para a importância da promoção da resiliência na população como forma de enfrentamento da violência, em especial, como apontado por Howell et al. (2018) em um período em que a Psicologia ainda foca nos fatores de risco e atenta em menor aspecto para possíveis aspectos de superação da violência.

Bibliografia

- Barreira, A. K., Lima, M. L., & Avanci, J. Q. (2013). Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(1), 233-243.
- Caman, S., Kristiansson, M., Granath, S., & Sturup, J. (2017). Trends in rates and characteristics of intimate partner homicides between 1990 and 2013. *Journal of Criminal Justice*, 49, 14-21.
- Department of Health and Human Services. (2001). Risk Factors for Youth Violence. Em D. o. Services, *Youth Violence: A report of the surgeon general*. Washington.
- Elisa, G., Giulia, M., & Patrizia, M. (2012). Teen dating violence: The need for early prevention. *Interdisciplinary Journal of Family Studies*, XVII(1), 181-196.
- Emery, C. R. (2010). Examining an Extension of Johnson's Hypothesis: Is Male Perpetrated Intimate Partner Violence More Underreported than Female Violence? *Journal of Family Violence*, 25(2), 173-181.
- Fernández-González, L., Wekerle, C., & Goldstein, A. (2012). Measuring adolescent dating violence: Development of 'conflict in adolescent dating relationships inventory' short form. *Advances in Mental Health*, 11(1), 35-54.

- Ferrari, I. S., Priolo Filho, S. R., & Brino, R. F. (2016). Questionário sobre violência intrafamiliar: confiabilidade de um instrumento sobre crenças. *Psicologia: Teoria e prática*, 18(3), 54-65.
- Foshee, V. A., Reyes, H. M., Ennett, S. T., Suchindran, C., Mathias, J. P., Karriker-Jaffe, K. J., . . . Benefield, T. S. (2011). Risk and protective factors distinguishing profiles of adolescent peer and dating violence perpetration. *Journal of Adolescent Health*, 48, 334-340.
- Goldstein, A., Faulkner, B., & Wekerle, C. (2013). The relationship among internal resilience, smoking, alcohol use, and depression symptoms in emerging adults transitioning out of child welfare. *Child Abuse & Neglect*, 37(1), 22-32.
- Grych, J. H., Hamby, S., & Banyard, V. (2015). The Resilience Portfolio Model: Understanding Healthy Adaptation in Victims of Violence. *Psychology of Violence*, 5(4), 343-354.
- Herrero, J., Vivas, P., Torres, A., & Rodríguez, F. J. (2018). When Violence Can Appear With Different Male Partners: Identification of Resilient and Non-resilient Women in the European Union. *Frontiers in Psychology*, 9, 877.
- Holtzworth-Munroe, A., & Stuart, G. L. (1994). Typologies of male batterers: Three subtypes and the differences among them. *Psychological Bulletin*, 116(3), 476-497.
- Howell, K. H., Thurston, I. B., Schwartz, L. E., Jamison, L. E., & Hasselle, A. J. (2018). Protective factors associated with resilience in women exposed to intimate partner violence. *Psychology of Violence*, 8(4), 438-447.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2017). *Estatísticas do Registro Civil*. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de População.

- Koker, P., Mathews, C., Zuch, M., Bastien, S., & Mason-Jones, A. J. (2014). A systematic review of interventions for preventing adolescent intimate partner violence. *Journal of Adolescent Health, 54*, 3-13.
- Langhinrichsen-Rohling, J., Misra, T., Selwyn, C., & Rohling, M. (2012). Rates of Bidirectional Versus Unidirectional Intimate Partner Violence Across Samples, Sexual Orientations, and Race/Ethnicities: A Comprehensive Review. *Partner Abuse, 3*(2), 199-230.
- Lopes, V. R., & Martins, M. F. (2011). Validação fatorial da escala de resiliência de connor-davidson (CD-RISC-10) para brasileiros. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho, 11*(2), 36-50.
- Minayo, M. C., Oliveira, R. V., Assis, S. G., Njaine, K., Oliveira, Q. B., Ribeiro, F. M., . . . Pires, T. O. (2011). *Amor e violência: Um paradoxo nas relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: FioCruz.
- Munoz, R. T., Shane, B., & Brown, V. (2017). The psychology of resilience: A model of the relationship of locus of control to hope among survivors of intimate partner violence. *Traumatology, 23*(1), 102-111.
- Reed, E., Raj, A., Miller, E., & Silverman, J. G. (2010). Losing the “Gender” in Gender-Based Violence: The Missteps of Research on Dating and Intimate Partner Violence. *Violence against Women, 16*(3), 348-354.
- Solano, J. P., Bracher, E. S., Faisal-Cury, A., Ashmawi, H. A., Carmona, M. J., Lotufo Neto, F., & Vieira, J. E. (2016). Factor structure and psychometric properties of the Connor-Davidson resilience scale among Brazilian adult patients. *Sao Paulo Medical Journal, 134*(5), 400-406.

- Tanaka, M., & Wekerle, C. (2014). Dating violence among child welfare-involved youth: Results from the Maltreatment and Adolescent Pathway (MAP) Longitudinal Study. *International Journal of Child and Adolescent Resilience*, 2, 29-36.
- Vagi, K., Rothman, E., Latzman, N., Tharp, A., Hall, D., & Breiding, M. (2013). Beyond Correlates: A Review of Risk and Protective Factors for Adolescent Dating Violence Perpetration. *Journal of Youth And Adolescence*, 42(4), 633-649. doi:10.1007/s10964-0101
- Wolfe, D. A., Wekerle, C., Scott, K., Straatman, A., Grasley, C., & Reitzel-Jaffe, D. (2003). Dating violence prevention with at-risk youth: A controlled outcome evaluation. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 71, 279-291.
- Zaher, E., Keogh, K., & Ratnapalan, S. (2014). Effect of domestic violence training: Systematic review of randomized controlled trials. *Canadian Family Physician*, 60, 618-624.
- Zilberman, M. L., Blume, S. B. (2005). Violência doméstica, abuso de álcool e substâncias psicoativas. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 27(Suppl. 2), s51-s55.

Considerações Finais

Este trabalho de pesquisa traz dois artigos, o primeiro sobre o conceito e instrumentos de Resiliência em publicações brasileiras que teve como objetivo verificar instrumentos e definições mais utilizados nas publicações brasileiras sobre resiliência. Os achados apontam que os autores brasileiros utilizam diversas definições sobre o tema, em geral, tratando a resiliência como um processo dinâmico, que depende da interação de características pessoais e interpessoais do indivíduo em interação com o ambiente de desenvolvimento. Adicionalmente, mostra que o instrumento mais utilizado é datado de 1993 (Wagnild & Young, 1993), adaptada ao contexto brasileiro por Pesce et al. (2005), que objetiva medir níveis de adaptação psicossocial positiva perante os acontecimentos importantes na vida por meio de 25 itens. Contudo, é fundamental apontar as diferenças entre o constructo da resiliência quando da criação do instrumento e das definições mais atuais. Dessa forma, a criação, adaptação e validação de novos instrumentos brasileiros que consigam avaliar e captar diferenças culturais para a resiliência se mostra uma necessidade para as pesquisas futuras.

O segundo artigo teve como objetivo compreender a relação das crenças, resiliência e a violência contra o parceiro íntimo. Os dados apontam que a resiliência tem correlações negativas com a perpetração e vitimização dos participantes, adicionalmente, as mulheres estariam mais sujeitas a serem vítimas e perpetradoras de violência em relacionamentos. Esse fato pode ser decorrente da não identificação da perpetração de violência pelos participantes do sexo masculino, seja por não identificarem consequências da violência ou por responsabilizarem as vítimas pelas violências sofridas. Pesquisas futuras devem investigar aspectos relacionados à identificação da perpetração da violência por homens e variáveis associadas com essa temática.

A importância deste trabalho reside em pesquisar na população brasileira o conceito da resiliência relacionado com a violência no relacionamento amoroso, avaliação não realizada a

partir das buscas realizadas na revisão sistemática. Sugere-se, a criação de instrumentos nacionais sobre a temática ou ainda, a adaptação de instrumentos modernos que consigam avaliar de maneira abrangente esse constructo tão complexo. Ademais, compreender a relação entre crenças negativas, promoção da resiliência no contexto brasileiro e a VPI são fundamentais, considerando que pesquisas internacionais apontam as crenças como fator relevante da ocorrência de violência e a resiliência como potencial efeito positivo sobre suas consequências (Avery-Leaf et al., 1997; Wekerle & Wolfe, 1999; Wolfe et al., 2003). Ou seja, é fundamental verificar quais fatores culturais presentes em nossa realidade são importantes para a prevenção da violência contra o parceiro íntimo e a promoção da resiliência.

Anexo I – Aprovação Comitê de Ética

UNIVERSIDADE TUIUTI DO
PARANÁ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Violência no namoro: o papel das crenças e da resiliência

Pesquisador: ELIANE FATIMA BORDIN

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 85267418.4.0000.8040

Instituição Proponente: SOCIEDADE CIVIL EDUCACIONAL TUIUTI LIMITADA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.567.605

Apresentação do Projeto:

A violência no namoro em adolescentes e jovens adultos tem obtido a atenção de psicólogos e especialistas em saúde na última década. Seja pelas suas possíveis consequências ou pela sua alta prevalência, em especial na população brasileira (Minayo, et al., 2011), a temática da violência no namoro tem observado um aumento no número de pesquisas (Koker, Mathews, Zuch, Bastien, & Mason-Jones, 2014). Uma das áreas que necessita mais estudos em relação a violência no namoro são os fatores de risco e proteção (Department of Health and Human Services, 2001). Participarão dessa pesquisa 300 universitários de uma cidade do litoral do Paraná com idades entre 18 e 29 anos de ambos os sexos e com qualquer status de relacionamento. Os instrumentos constarão das seguintes seções:

- Dados sócio demográficos, no qual o participante irá informar sua idade, gênero, orientação sexual e status de relacionamento amoroso.
- Conflict Adolescent Dating Relationship Inventory – Short Form (CADRI) (Fernández-González, Wekerle, & Goldstein, 2012; Wolfe, et al., 2003) que passará por uma adaptação simples para o português pelos autores. Esse instrumento é composto de 10 questões que avaliam a prática de violência física, psicológica e sexual em relacionamentos amorosos.
- Questionário sobre a violência intrafamiliar (Ferrari, Priolo Filho, & Brino, 2016) que contém 45 questões em que o participante aponta se acredita

Endereço: Rua Sidnei A. Rangel Santos, 238 - Bloco Proppe, sala 04 - Térreo

Bairro: SANTO INACIO

CEP: 82.010-330

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3331-7668

Fax: (41)3331-7668

E-mail: comitedeetica@utp.br

Continuação do Parecer: 2.567.605

que ela seja verdadeira ou falsa para a sociedade. Por exemplo, o participante deverá apontar se acredita que a frase "A mulher que apanha do marido pode largar dele, basta querer" é verdadeira ou falsa.

d) Escala de Resiliência de Connor-Davidson (Cd-Risc-10) validada para o Brasil por (Lopes & Martins, 2011) que consiste em 10 itens que avaliam diferentes aspectos da resiliência (e.g. lidar com estresse, dar a volta por cima) com opções variando entre nunca é verdade até sempre é verdade fornecendo uma pontuação que varia entre 0 e 40.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Identificar aspectos de relacionamentos amorosos relacionados com crenças e resiliência.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

É possível que você experimente algum desconforto, devido à natureza de algumas perguntas. Caso isso ocorra, contate a pesquisadora para que a aplicação seja interrompida e para que seja encaminhado ao NAE (Núcleo de atendimento ao estudante), onde receberá o atendimento psicológico necessário.

Benefícios:

Os benefícios esperados com essa pesquisa são avaliar aspectos relacionados a relacionamentos amorosos de jovens adultos e variáveis associadas. Nem sempre você será diretamente beneficiado com o resultado da pesquisa, mas poderá contribuir para o avanço científico.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa adequada

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos documentos de acordo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pendências solucionadas. Projeto aprovado.

Endereço: Rua Sidnei A. Rangel Santos, 238 - Bloco Proppe, sala 04 - Térreo

Bairro: SANTO INACIO

CEP: 82.010-330

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3331-7668

Fax: (41)3331-7668

E-mail: comitedeetica@utp.br

Continuação do Parecer: 2.567.605

Considerações Finais a critério do CEP:

enviar relatórios semestralmente ao CEP UTP.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_P ROJETO_1093074.pdf	27/03/2018 09:16:17		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoCEP.docx	27/03/2018 09:16:03	ELIANE FATIMA BORDIN	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEBORDIN.docx	27/03/2018 09:15:50	ELIANE FATIMA BORDIN	Aceito
Folha de Rosto	FOLHAROSTOBORDIN.pdf	14/03/2018 13:15:52	ELIANE FATIMA BORDIN	Aceito
Outros	QUESTIONARIOCRENCAS.pdf	13/03/2018 14:21:28	ELIANE FATIMA BORDIN	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TERMOINFRAESTRUTURA.pdf	13/03/2018 14:20:36	ELIANE FATIMA BORDIN	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CURITIBA, 27 de Março de 2018

Assinado por:
Maria Cristina Antunes
(Coordenador)

Endereço: Rua Sidnei A. Rangel Santos, 238 - Bloco Proppe, sala 04 - Térreo
Bairro: SANTO INACIO **CEP:** 82.010-330
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3331-7668 **Fax:** (41)3331-7668 **E-mail:** comitedeetica@utp.br

Anexo II – Instrumentos

Questionário sobre relacionamentos amorosos

Sexo Feminino () Masculino () **Idade** _____

Orientação Sexual

Bissexual () Heterossexual ()
Homossexual () Outra (). Qual? _____

Relacionamento amoroso atual

Casado () Vivendo junto/Amasiado () Noivo(a) ()
Namorando () Ficando/() só, neste momento() nunca namorei()

Primeiramente, gostaria que você analise cada uma das afirmações abaixo, expressando sua opinião como Verdadeira (V) para aquelas que você estiver de acordo e Falsa (F) se você discordar da mesma.

1. “Se uma mulher apanhou alguma coisa ela fez”. ()V ()F
2. “A mulher em geral não presta queixa na primeira ou segunda vez que apanha do marido”. ()V ()F
3. “O abuso sexual infantil se resume ao ato sexual com penetração vaginal (estupro) ou anal.” ()V ()F
4. “É a crise, o desemprego e a constante falta de dinheiro as principais razões que fazem com que o homem seja violento em casa”. ()V ()F
5. “Não é possível educar crianças sem a utilização de castigos corporais”. ()V ()F
6. “O consumo de álcool é a principal causa do homem bater na mulher e nos filhos”. ()V ()F
7. “Em geral, crianças que chegam aos hospitais e prontos-socorros com fraturas e machucados graves, foram vítimas de acidentes domésticos”. ()V ()F
8. “As crianças que veem a mãe ser agredida pelo pai, muitas vezes, sentem-se culpadas pela violência”. ()V ()F
9. “Briga de marido e mulher não tem solução”. ()V ()F
10. “A criança que cresce em um lar violento, não necessariamente, torna-se violenta quando crescer”. ()V ()F
11. “Ninguém apanha de graça”. ()V ()F
12. “O homem que bate em mulher é um louco, um desequilibrado: um doente mental”. ()V ()F

13. “Os maus-tratos contra crianças podem ocorrer em qualquer família, seja qual for o nível socioeconômico da mesma.” ()V ()F
14. “Briga de marido e mulher é como briga de vizinho: não adianta intervir”. ()V ()F
15. “A mulher provoca. Não é à toa que o homem é violento”. ()V ()F
16. “Numa mulher não se bate nem com uma flor”. ()V ()F
17. “A maioria das mulheres gosta de apanhar”. ()V ()F
18. “Mulher que é agredida é suspeita, pois quando um não quer dois não brigam”.
()V ()F
19. “A frequente ocorrência de maus-tratos intrafamiliares demonstra que nem sempre há harmonia na família”. ()V ()F
20. “É possível identificar indicadores da ocorrência de abuso envolvendo as crianças”. ()V ()F
21. “A maioria das mulheres que procura a delegacia porque apanha do marido não é honesta”. ()V ()F
22. “A violência contra a mulher pode atingir todas as camadas da população”. ()V ()F
23. “Quase nunca a criança mente sobre estar sendo maltratada. Uma pequena porcentagem dos casos é fictícia e, nestes casos, em geral trata-se de crianças maiores que já objetivam alguma vantagem.” ()V ()F
24. “O homem também apanha da mulher, tanto quanto bate nela”. ()V ()F
25. “A divulgação de material erótico com crianças (como textos, fotografia/filmagem de crianças nuas ou fazendo sexo) causa malefícios, pois prejudicam as crianças que são expostas e estimula a aceitação do sexo entre crianças e adultos como algo normal.”
()V ()F
26. “Não é nada fácil para a mulher sair de um relacionamento abusivo”. ()V ()F
27. “Quando o marido bate na mulher, pode saber que ela tem culpa no cartório”.
()V ()F
28. “O abuso psicológico pode ser tão ameaçador quanto o abuso físico”. ()V ()F
29. “O agressor sexual pode ser qualquer pessoa, não há perfil definido.” ()V ()F
30. “A mulher que apronta e deixa o homem bravo encoraja a violência doméstica”.
()V ()F
31. “Ela prestou queixa contra o marido violento na delegacia. É horrível isso de lavar a roupa suja em público”. ()V ()F
32. “As pessoas conhecidas da criança, como pais, tios, avós, vizinhos, representam o maior risco em relação a ocorrência de maus-tratos contra crianças.” ()V ()F

33. “No Brasil, pais e profissionais que lidam com crianças, não estão suficientemente informados sobre os maus-tratos, e, portanto, muitas vezes, inaptos a lidar com o problema.”
()V ()F
34. “Toda agressão deixa marcas físicas aparentes.” ()V ()F
35. “Com ele tem que ser assim: olho por olho, dente por dente; por isso é que a mulher apanha”. ()V ()F
36. “Em geral os maus-tratos contra crianças são repetitivos, sendo que a maioria ocorre dentro de casa facilitando o acesso do agressor à vítima. ” ()V ()F
37. “Em briga de marido e mulher não se deve meter a colher”. ()V ()F
38. “A mulher merece apanhar porque azucrina a vida dos homens”. ()V ()F
39. “Muitas vezes, o contato do pedófilo inicia-se de forma virtual através da Internet, mas logo pode passar para a conquista física, levando inclusive a possibilidade de assassinato de crianças.” ()V ()F
40. “Ela é um verdadeiro saco de pancadas do marido, só não larga dele porque não quer”. ()V ()F
41. “Sempre que um jovem vem na delegacia mente, ele não teme ser punido, pois é inimputável (não passível de sofrer pena criminal) perante a lei”. ()V ()F
42. “Mulher precisa apanhar para se manter na linha”. ()V ()F
43. “A mulher também pode ser um agressor físico e/ou sexual de crianças.” ()V ()F
44. “A mulher que apanha do marido pode largar dele, basta querer”. ()V ()F
45. “Quando um casal tem um relacionamento violento a única solução é a separação”.
()V ()F

Escala de Resiliência de Connor-Davidson para o Brasil-25^{BRASIL} (CD-RISC-25^{BRASIL}) ©

*Quanto as afirmações abaixo são verdadeiras para você, pensando no **mês passado**?
Se algumas dessas situações não ocorreram no mês passado, responda como você acha que teria se sentido se elas tivessem ocorrido.*

	Nem um pouco verdadeiro (0)	Raramente verdadeiro (1)	Às vezes verdadeiro (2)	Frequentemente verdadeiro (3)	Quase sempre verdadeiro (4)
1. Eu consigo me adaptar quando mudanças acontecem.	☐	☐	☐	☐	☐
2. Eu tenho pelo menos um relacionamento próximo e seguro com alguém que me ajuda quando estou nervoso.	☐	☐	☐	☐	☐
3. Quando meus problemas não têm uma solução clara, às vezes Deus ou o destino podem ajudar.	☐	☐	☐	☐	☐
4. Eu consigo lidar com qualquer problema que acontece comigo.	☐	☐	☐	☐	☐
5. Os sucessos do passado me dão confiança para enfrentar novos desafios e dificuldades.	☐	☐	☐	☐	☐
6. Eu tento ver o lado humorístico das coisas quando estou com problemas.	☐	☐	☐	☐	☐
7. Ter que lidar com situações estressantes me faz sentir mais forte.	☐	☐	☐	☐	☐
8. Eu costumo me recuperar bem de uma doença, acidentes e outras dificuldades.	☐	☐	☐	☐	☐
9. Eu acredito que a maioria das coisas boas ou ruins acontecem por alguma razão.	☐	☐	☐	☐	☐
10. Eu me esforço ao máximo, não importa qual seja o resultado.	☐	☐	☐	☐	☐
11. Eu acredito que posso atingir meus objetivos mesmo quando há obstáculos.	☐	☐	☐	☐	☐
12. Mesmo quando tudo parece sem esperanças, eu não desisto.	☐	☐	☐	☐	☐
13. Nos momentos difíceis ou de crise, eu sei onde procurar ajuda.	☐	☐	☐	☐	☐
14. Fico concentrado e penso com clareza quando estou sob pressão.	☐	☐	☐	☐	☐
15. Eu prefiro assumir a liderança para resolver problemas, em vez de deixar os outros tomarem as decisões.	☐	☐	☐	☐	☐
16. Eu não desanimo facilmente com os fracassos.	☐	☐	☐	☐	☐
17. Eu me considero uma pessoa forte quando tenho que lidar com desafios e dificuldades da vida.	☐	☐	☐	☐	☐
18. Se for necessário, eu consigo tomar decisões difíceis e desagradáveis que afetem outras pessoas.	☐	☐	☐	☐	☐
19. Eu consigo lidar com sentimentos desagradáveis ou dolorosos como tristeza, medo e raiva.	☐	☐	☐	☐	☐
20. Ao lidar com os problemas da vida, eu às vezes sigo minha intuição, sem saber por quê.	☐	☐	☐	☐	☐
21. Eu sei onde quero chegar na vida.	☐	☐	☐	☐	☐
22. Eu sinto que tenho controle sobre minha vida.	☐	☐	☐	☐	☐
23. Eu gosto de desafios.	☐	☐	☐	☐	☐
24. Eu me esforço para atingir meus objetivos, não importa que obstáculos eu encontre pelo caminho.	☐	☐	☐	☐	☐
25. Eu tenho orgulho das minhas conquistas.	☐	☐	☐	☐	☐

Solano JP, Bracher E, Pietrobon R, Carmona MJ. Adaptação cultural e estudo de validade da escala de resiliência de Connor-Davidson para o Brasil. Nenhuma parte deste documento pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópias simples e digitalização, sem permissão escrita de Dr. Davidson - mail@cd-risc.com. Direitos reservados.
Copyright © 2001, 2003, 2007, 2009, 2011, 2016 by Kathryn M. Connor, M.D., and Jonathan R.T. Davidson, M.D.

As questões a seguir lhe perguntam sobre coisas que podem ter acontecido com você e seu companheiro de namoro enquanto vocês estavam em uma discussão. Quando você estiver respondendo essas questões, marque a caixa que é a sua melhor estimativa de quantas vezes isso aconteceu com a pessoa que você tem em mente (companheiro atual ou ex) nos últimos 12 meses. Use a seguinte escala como guia:

Nunca: isso **nunca** aconteceu no seu relacionamento.

Raramente: isso aconteceu apenas **1 ou 2 vezes** no seu relacionamento.

Às vezes: isso aconteceu de **3 a 5 vezes** no seu relacionamento.

Frequentemente: isso aconteceu **6 vezes ou mais** no seu relacionamento.

N/A: isso **não se aplica** ao seu relacionamento.

Durante um conflito ou discussão com meu companheiro de namoro nos últimos 12 meses:

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	N/A
1. Falei com meu parceiro com um tom de voz maldoso ou hostil.					
Meu parceiro falou comigo com um tom de voz maldoso ou hostil.					
2. Eu insultei meu parceiro com humilhações					
Meu parceiro me insultou com humilhações.					
3. Eu disse coisas aos amigos do meu parceiro sobre ele (a) para tentar colocá-los contra ele (a).					
Meu parceiro disse coisas para os meus amigos para colocá-los contra mim.					
4. Eu chutei, bati ou soquei o meu parceiro.					
Meu parceiro me chutou, bateu ou socou.					

5. Eu dei um tapa ou puxei o cabelo do meu parceiro.					
Meu parceiro me deu um tapa ou puxou o meu cabelo.					
6. Eu ameacei machucar meu parceiro.					
Meu parceiro ameaçou me machucar.					
7. Eu ameacei bater ou jogar algo no meu parceiro.					
Meu parceiro ameaçou bater ou jogar algo em mim.					
8. Eu espalhei boatos depreciativos sobre o meu parceiro.					
O meu parceiro espalhou boatos depreciativos sobre mim.					
9. Eu toquei sexualmente meu parceiro quando ele não queria.					
Meu parceiro me tocou sexualmente quando eu não queria.					
10. Eu forcei meu parceiro a ter relações sexuais comigo quando ele (a) não queria.					
Meu parceiro me forçou a ter relações sexuais com ele (a) quando eu não queria.					